

PRECONCEITO LINGUÍSTICO DENTRO E FORA DA REDE: o projeto, a construção dos *corpora* e os resultados preliminares

Sílvia Maria Brandão

Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

E-mail: silvia.brandao@unesp.br Bolsista CAPES

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0671-957X>

Caroline Carnielli Biazolli

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP)
Docente do Departamento de Metodologia de Ensino (DME)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

E-mail: caroline.biazolli@ufscar.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8578-8102>

Marcus Garcia de Sene

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

E-mail: marcus.garcia@unesp.br Bolsista CAPES

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Chamada temática

Volume 5

Número 2

Recebido em: 16/03/2020

Aprovado em: 04/06/2020

Resumo

O preconceito linguístico, que nos conduz a discriminar o outro, apreciando pejorativamente as formas linguísticas das quais esse outro faz uso, ainda permanece enraizado em nossa sociedade, pois, como bem sabemos, questões que lidam com a língua não são apenas linguísticas, mas também, e essencialmente, ideológicas. O objetivo deste artigo encontra-se na apresentação de um projeto de pesquisa, em andamento, que se ampara pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]). Observamos avaliações de internautas e estudantes de Letras acerca da língua para que possamos discutir as faces do preconceito linguístico presente na rede social Facebook, bem como fora dessa rede. Para isso, contextualizamos teórica e metodologicamente este projeto, explicitando informações basilares a respeito e apresentando resultados preliminares já obtidos. Logo, há uma tríplice abordagem: (i) categorização dos fenômenos; (ii) perfil social de internautas e (iii) análise subjetiva dos internautas e de alunos de Letras. Concluímos que o preconceito é arbitrário do ponto de vista linguístico, marcado lexicalmente e motivado socialmente.

Palavras-chave:

Preconceito linguístico. Facebook. Fenômenos. Perfil Social. Análise Subjetiva no curso de Letras. Projeto de Pesquisa

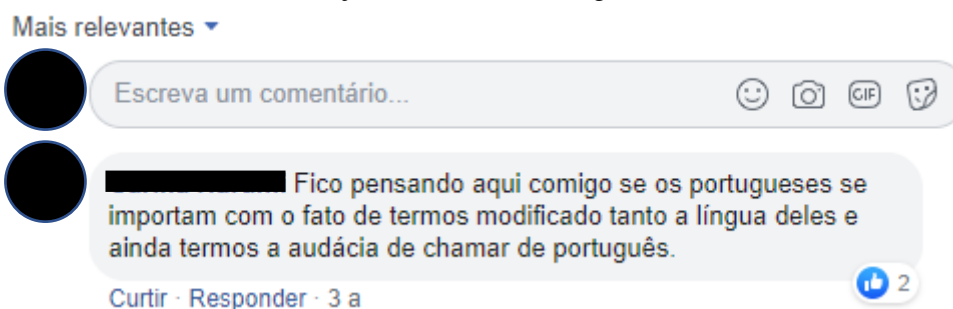
Introdução

As ideias que subjazem ao termo *preconceito* não são novas. Há, no entanto, predicções distintas construídas ao longo da história acerca dessa palavra. Gadamer (1988), filósofo alemão, destaca que *voruteil* ou *vor-uteil* (palavras traduzidas para o português, respectivamente, como “preconceito” ou “juízo prévio”) significam “um julgamento que é formulado antes de que todos os elementos que determinam uma situação tenham sido examinados” (GADAMER, 1999, p. 270). Ocorre que, até o Iluminismo, o conceito de preconceito não recobria qualquer conotação negativa, de modo que, apenas após a crítica iluminista, essa noção começou a sofrer uma limitação, ou seja, deixou de traduzir uma visão “neutra” para assumir a noção de um “julgamento infundado”.

Após o Iluminismo, a ideia de preconceito passou a ser associada pejorativamente à tradição. Dito de outro modo, a tradição seria o oposto à razão e, assim, à liberdade de pensamento, dado que o pré-existente seria imposto, obviamente como verdade única. Desse modo, o novo ou o que se afastasse da tradição, para o Iluminismo, se ligaria à razão, enquanto a tradição seria o contrário disso. No entanto, a tradição, para Gadamer (1999), é vista como condição para a verdade oriunda da colisão entre passado e presente.

De fato, reconhecer os conflitos entre o novo e a tradição como um dos caminhos que perfilarão o que conhecemos hoje como preconceito (seja este **linguístico**, social, cultural, racial etc.) é um passo importante, visto que, não raro, o que parece novo (e, aqui, nos referimos, sobretudo, à língua) carrega interpretações que se aproximam da defesa da existência de uma tradição unívoca, o que traz consequências vilipendiosas para a sociedade, principalmente no que se refere à segregação social advinda da inferioridade atrelada a algumas variedades linguísticas. Um exemplo está no comentário abaixo, feito por um usuário¹ do *Facebook*:

Figura 1 – Comentário extraído da página *Sofri Preconceito Linguístico*



Fonte: *Facebook*

¹ Optamos por fazer referência às pessoas que construíram os comentários pela forma não marcada (usuário, o internauta, o autor da postagem), embora possa se tratar tanto de pessoa do sexo masculino quanto feminino.

Podemos observar que o internauta nega o reconhecimento de que a língua portuguesa é também a nossa língua e, sobretudo, se apega a uma **tradição** de que somente os nossos colonizadores falam “bem” o português. Ou seja, há o reconhecimento de que existe algo novo, quando há a alegação de “*termos modificado tanto a língua deles* [dos portugueses]”, mas a memória colonialista, ainda viva em uma parcela de brasileiros, confere ao europeu a predicação de soberania diante do que se denomina *português*. Aí reside a problemática: “audacioso” seria chamar de português o que usamos, dado que as mudanças provenientes da história afastam (e, pelo visto, de maneira catastrófica) o brasileiro (o novo) do europeu (a tradição). Sendo assim, temos, pontualmente, um exemplo de que a tradição, que tem uma autoridade inominável, é responsável pela construção de noções e intuições populares de que elementos da tradição histórica, do passado, são bons, enquanto os que surgem no presente, os que se fazem novos, são sempre uma subversão - em seu sentido mais pejorativo - da tradição, devendo estes ser combatidos em prol da manutenção daqueles. Notamos aqui, então, de modo geral, uma visão preconceituosa desse usuário acerca do Português Brasileiro (doravante PB).

Ao retomarmos os iluministas, percebemos que o conflito entre o tradicional e o novo tinha um caráter anulador, haja vista que a razão deveria anular a historicidade originária da tradição. Para Gadamer (1999), entretanto, o sujeito é permeado pela historicidade, de modo que a tradição, juntamente com o presente, lança o horizonte do futuro. Nesse contexto, é inegável que o discurso do internauta se aproxima de um viés redibitório, que confere às inovações da língua um teor negativo, diferentemente do Iluminismo (que defendia o presente), mas com o mesmo caráter separatista deste. Ocorre que o discurso anulador também projeta um futuro, pois, a depender do poder desse, as mudanças na língua podem (ou não) ser freadas. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 124-125),

O avanço da mudança linguística rumo à completção pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e de um estereótipo social. Por fim, a completção da mudança e da passagem da variável para o *status* de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía.

A significação social de certos traços na língua poderia não ser problema se, porventura, os julgamentos não segregassem como segregam, ou não anulassem como anulam alguns de seus falantes. Diferentemente do Iluminismo, cujas questões do presente eram supervalorizadas em relação à tradição, o que temos, hoje, é o oposto disso. O caráter conservador de instituições de ensino básico e a

falta de políticas públicas que apregoem a reflexão acerca da língua abrem espaço para discursos de intolerância e preconceito, saudosistas em sua essência.

A não compreensão da língua como algo variável, cujas variedades refletem um cenário regional, histórico e identitário diferentes, pode criar espaços para visões e julgamentos depreciativos a respeito da língua e de seus usos, os quais podem culminar em violência, seja ela simbólica ou não (BOURDIEU, 2007).

Um dos espaços em que podemos facilmente vislumbrar essas visões e manifestações jocosas acerca do uso da língua é nas redes sociais. Com o crescimento dessas ferramentas e, em especial, com a adesão corriqueira dos jovens a esses mecanismos, a escrita, nesse ambiente, mais do que a interação face a face, tornou-se um mecanismo velado pelo escudo da virtualidade (LÉVY, 1999), ocasionando, portanto, juízos de valores, por vezes intolerantes, sobre os usos intitutados como “certos” e “errados” do português. Esses julgamentos, traduzidos em avaliações subjetivas, são estendidos para fora do terreno da internet.

Isto posto, a partir de avaliações subjetivas tanto no ambiente virtual quanto fora dele acerca de fenômenos variáveis, o projeto “**Preconceito linguístico na rede e fora dela: categorização de fenômenos, perfis sociais e avaliação subjetiva**” nasceu. O objetivo deste artigo, portanto, é apresentá-lo, assim como detalhar os *corpora* que o compõem e, ainda, discutir os seus primeiros resultados.

Na sequência, dedicamos uma seção à elucidação dos motivos que nos levaram a investigar o preconceito na rede e fora dela. Em seguida, detemo-nos a determinadas informações basilares sobre a construção do projeto em questão, tais como o seu objetivo geral, a sua metodologia e, em especial, a constituição dos *corpora* analisados. Na terceira parte, trazemos resultados preliminares e, por último, destinamos um espaço as nossas conclusões.

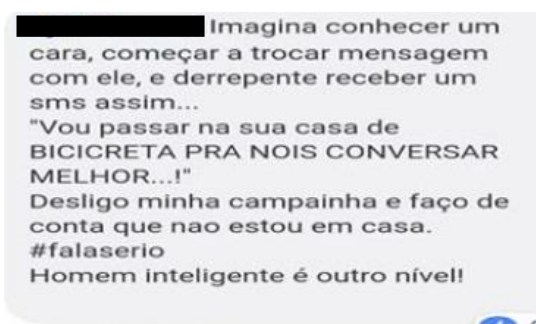
O projeto: algumas motivações

A internet tornou-se um lugar de interação social, um verdadeiro arranjo de relações que acaba por ampliar a cultura da sociedade. Essa interação construída no que hoje é conhecido como ciberespaço é, por vezes, constituída por homem-máquina/ máquina-máquina/ máquina-homem. Sendo assim, “a partir das telas dos computadores, que servem de plataforma e via de acesso ao ciberespaço, é possível experimentar formas de viver e conviver nesse novo espaço” (NICOLACI DA COSTA; PIMENTEL, 2011, p. 7). Essa nova possibilidade de experiência, tal como sinaliza os autores, acaba aproximando as pessoas e servindo de meio para interações sociais cada vez mais complexas. Com elas, o usuário se sente “autorizado” a emitir opiniões e juízos de valores acerca de assuntos variados, muitas vezes por fazer da virtualidade um escudo que jamais teria em presença real:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (LÉVY, 1996, p.21)

São centenas de fóruns e grupos dos quais os usuários das redes sociais participam diariamente, de modo que o engajamento de pessoas, em especial no *Facebook*, acompanhado do escudo da virtualidade, acaba por produzir opiniões que, muitas vezes, traduzem o tom intolerante que, provavelmente, não teriam em uma conversa face a face. No que se refere à língua portuguesa, a emissão de juízos de valores não seria diferente, como se vê na figura 2.

Figura 2 – Exemplo de comentário que emite juízo de valor sobre a língua



Fonte: *Facebook*

O comportamento do internauta no *Facebook* é um exemplo de que os agentes sociais, estes falantes da língua portuguesa, sentem-se autorizados a darem sua opinião sobre como deve ser o bom uso da língua, ou melhor, como não deveria ser. Nesse sentido, sendo a escrita alvo de exposição, comentários como o da figura 2 tornaram-se frequentes. Sobre o referido comentário, é importante observar que, nele próprio, há inadequações² em relação à modalidade padrão, como descrito abaixo:

- (a) Emprego equivocado da vírgula em “, e derrepente [...]”;
- (b) Segmentação não convencional em “derrepente”;
- (c) Falta de til em “nao”;
- (d) Falta de acento em “serio”.

² Quando mencionarmos a palavra desvio ou inadequação, estaremos nos referindo a um desvio e/ou inadequação em relação à tradição normativista.

Na mensagem que o internauta supostamente receberia e que menospreza, é colocada em caixa alta a seguinte frase: “**BICICLETA** PRA NOIS CONVERSAR MELHOR....!”. A inadequação em negrito representa um traço descontínuo (BORTONI-RICARDO, 2004) comum em áreas rurais e descontínuo nas áreas urbanas³. Dito de outro modo, a fotografia sociolinguística brasileira já nos apresentou que o caso de “bicicleta” (rotacismo ou troca do /l/ pelo /r/) representa um traço linguístico comum a comunidades rurais e falantes menos escolarizados (COX, ASSAD, 1999; ROMANO, FONSECA, 2015).

A conclusão à que chegamos é que, mais do que estar incomodado com o modo de falar que o possível homem teria, o autor do comentário projeta um preconceito social, o que está, no fundo, julgando socialmente é a quem pertenceria esse modo de falar: a um “homem possivelmente pouco escolarizado, de zona rural e talvez de baixa renda”. Com isso, compreendemos, como já sinalizaram estudos anteriores (BAGNO, 1999; SCHERRE, 2005; LEITE, 2008), que o preconceito linguístico implica preconceito social.

Vale destacar que esse é um tipo de preconceito que não está apenas reservado ao ciberespaço, mas também fora dele. A título de ilustração, um caso fora das redes é o do médico que debochou do paciente, em 2016 (cf. figura 3).

Figura 3 – Notícia do médico que ridicularizou paciente por não “falar corretamente”



Tal como o caso do autor do comentário da figura 2, esse acontecimento de 2016 ilustra como são preocupantes os atos de preconceito linguístico e serve, ainda, para notarmos que na contemporaneidade eles ainda são recorrentes,

³ *Nois e pra*, em contrapartida, embora não sejam traços descontínuos, são utilizados pelo(a) autor(a) do comentário para reforçar o estereótipo do informante que ele(a) cria e desdenha.

mesmo após vinte e um anos da publicação do livro de Marcos Bagno, intitulado *Preconceito Linguístico – O que é e como se faz*, e após promissoras alterações nos currículos de formação escolar que já incluem a importância da discussão sobre preconceito linguístico e a conscientização das variedades linguísticas. No caso do médico, é sabida a identidade do paciente ridicularizado, um mecânico de 42 anos que estudou até o segundo ano do ensino fundamental⁴. Vemos, portanto, que o preconceito linguístico está quase que irrestritamente ligado a condições sociais menos favorecidas, o que reforça a constatação de que o preconceito linguístico é também social (BAGNO, 1999; SCHERRE, 2005; LEITE, 2008).

Essa triste e ainda vigente realidade, a do preconceito linguístico, é a que motivou, então, a elaboração do projeto de pesquisa “Preconceito linguístico na rede e fora dela: categorização dos fenômenos, perfis sociais e avaliação subjetiva”, no início de 2019. Partimos, pois, da análise de dados do ciberespaço para compreendermos a natureza dos fenômenos estigmatizados do PB, o perfil social dos internautas e as análises subjetivas por trás desses mesmos fenômenos, quando apresentamos um teste a alunos ingressantes do curso de Letras.

Preconceito linguístico dentro e fora da rede: objetivo geral, a constituição dos *corpora* e a metodologia adotada

Dadas as motivações apresentadas acima, objetivamos, em linhas gerais, com o projeto de pesquisa já mencionado, discutir as faces do preconceito linguístico presente na rede social *Facebook* e fora dela.

Partindo da premissa de que há certa arbitrariedade no que se refere à seleção de fenômenos que, supostamente, “irritam” pessoas, criamos, com base em uma postagem do *Facebook*, uma categorização acerca da natureza dos fenômenos variáveis mais estigmatizados do PB. Paralelo a isso, levando em conta o histórico de xenofobia no Brasil, traçamos os perfis sociais dos respondentes dessa postagem. E, por último, aplicamos um teste de avaliação subjetiva a alunos do curso de Letras de uma Instituição de Ensino Superior⁵, com vistas a mapear a visão, fora das redes sociais, desses futuros professores quanto a esses mesmos fenômenos variáveis, os estigmatizados, do PB.

Bem diferente de desprezar qualquer historicidade, partimos dela para tentarmos compreender os motivos pelos quais determinados fenômenos do presente carregam mais estigmas que outros. A identificação do fenômeno e sua compreensão podem guiar projetos futuros que atenuem o preconceito linguístico e

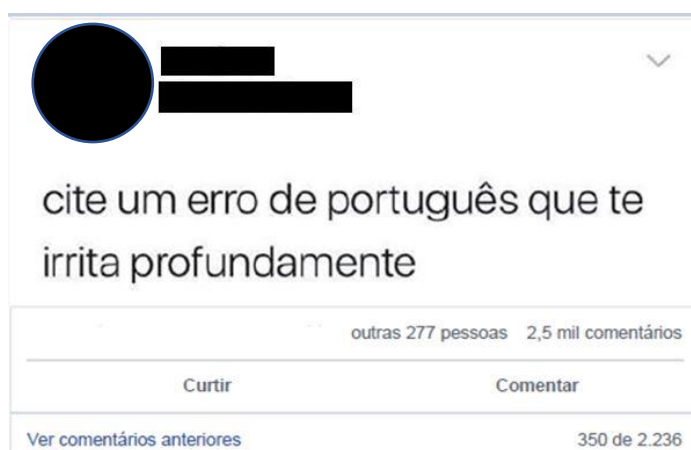
⁴ Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/brasil/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet--nao-existe-peleumonia-1013961499.html>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

⁵ Autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 92936518.5.0000.5400).

contribuam com um ensino reflexivo acerca da língua, o que deverá levar à comunhão entre variedades e não à anulação de uma delas.

A escolha pelo *Facebook* como lócus para a pesquisa se justifica a partir do reconhecimento de que essa rede faz parte do cotidiano de mais de 130 milhões de brasileiros⁶, por comportar diferentes camadas sociais e por facilitar a construção de uma amostra representativa das regiões brasileiras. Inicialmente, começamos a construção do primeiro *corpus* a partir do grupo do *Facebook* intitulado LDRV – *Taubaté New global Era*. A escolha por esse grupo se deu devido (i) à quantidade de membros no grupo (436 mil membros) – o que reflete uma amostra consistente de usuários de todos os estados do Brasil – e (ii) à publicação realizada por um membro desse grupo, a qual pode ser observada a seguir.

Figura 4 – Local onde os dados foram coletados



Fonte: LDRV – Taubaté New Global Era

Como ilustra a figura 4, a publicação contou com mais de 2,5 mil comentários. Vejamos os exemplos de alguns comentários acerca de inadequações de língua portuguesa que “irritam profundamente” os usuários respondentes:

Figura 5 – Exemplo dos “erros irritantes” retirados da publicação



⁶Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2019.



Fonte: LDRV – Taubaté New Global Era

Como vemos, além dos “fenômenos” apontados pelos internautas como irritantes, há comentários que demonstram uma percepção por parte desses a respeito de quem pensam utilizar essas formas linguísticas. Junto da menção ao uso de “MIM”, por exemplo, há observações que se referem ao índio e à ideia de dementes. A partir disso, vemos que o preconceito social por detrás desses relatos fica evidente.

Dos 2,5 mil comentários, coletamos o equivalente a 577 dados. É importante esclarecer, primeiramente, que 577 dados é o equivalente ao número de “erros irritantes” coletados de 334 membros que responderam à postagem. Foi recorrente o número de membros que apontaram mais de um “erro irritante”, o que implica o número maior de dados. Sobre os 334 membros, este é o resultado de um cálculo de amostragem que foi realizado para termos a referência aproximada de quantos “membros” precisariam ser coletados para uma amostra representativa. O cálculo foi realizado considerando um desvio padrão de 1,96 e com graus de confiança de 95%, o que permitiria apenas 5% de margem de erro⁷.

Os dados coletados foram organizados numa planilha do Excel. Além do item mencionado, ou melhor, do “erro irritante” mencionado, coletamos as seguintes informações: (i) idade, (ii) sexo, (iii) escolaridade, (iv) cidade que reside, (v) cidade de origem e (vi) ocupação profissional. Todas essas informações são variáveis necessárias para responder sobretudo à questão (c) entre as perguntas que perpassam o presente projeto, quais sejam:

- (a) Qual a natureza das inadequações mencionadas pelos respondentes da publicação?
- (b) São eles, em grande maioria, de natureza fonética, morfossintática ou outras?
- (c) Qual é o perfil social dos respondentes da publicação?

Após reunidos e sistematizados todos os dados, identificamos, então, os “desvios” mais recorrentes apontados pelos participantes e quem eram esses

⁷ Mais informações sobre o cálculo de amostragem podem ser encontradas neste link: <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>.

participantes; partimos, posteriormente, para a investigação do preconceito linguístico fora do ambiente virtual, a segunda etapa do projeto. Organizamos um segundo *corpus*, com os resultados de um questionário, composto de três partes, aplicado aos alunos ingressantes do curso de Letras⁸, de uma Universidade do estado de São Paulo. No total, 106 alunos responderam a esse questionário.

Congregar o preconceito linguístico das redes sociais mais a avaliação subjetiva dos ingressantes de Letras se faz fundamental para compreendermos se as mesmas inadequações apontadas como “irritantes” pelos participantes daquele *post* seriam também avaliados negativamente pelos discentes. Escolhemos os ingressantes do curso de Letras por, pelo menos, dois motivos. O primeiro se referiu ao fato de tais alunos serem, em sua maioria, recém-concluintes do ensino médio e, sendo assim, um potencial público-alvo para, futuramente, investirmos em discussões relacionadas ao ensino da variação linguística na educação básica, dado que o conceito de variação linguística se encontra há tempos presente nos PCNLP (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa), em específico naqueles que se aplicam aos últimos anos do ensino fundamental e às três séries do ensino médio (BRASIL, 1998, 2000, 2002), e, agora, na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), no que diz respeito aos conteúdos de língua portuguesa de todos os anos do ensino fundamental e do ensino médio (BRASIL, 2017, 2018). A segunda razão se deu pelo fato de acreditarmos na hipótese de que esses alunos, interessados pela área de Letras, pudessem, antes mesmo de iniciarem os seus estudos, ter mais “sensibilidade” com questões linguísticas, tais como a compreensão de que a língua é aquilo que o homem tem de mais íntimo e que representa a sua subjetividade (LEITE, 2008), o que sinalizaria a maior aceitação desse público às mais diferentes formas linguísticas, em relação às avaliações feitas na internet.

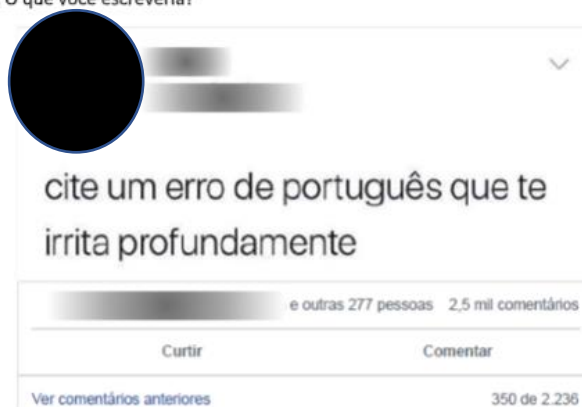
A primeira parte do questionário aplicado aos discentes de Letras consistiu na reprodução da postagem da figura 4 somada a uma situação específica:

Figura 6 – Primeira parte do questionário de avaliação subjetiva

⁸ Todos os alunos participantes assinaram, após a leitura do Termo de Esclarecimento (sobre a pesquisa), o Termo de Consentimento Livre, para autorizar a utilização das respostas que deram ao questionário.

SITUAÇÃO: Você entrou na sua conta do *Facebook* e se deparou com o *post* apresentado logo abaixo. Vários de seus amigos comentaram algo na publicação. Você, então, decide deixar o seu comentário.

PERGUNTA: O que você escreveria?



Fonte: própria

Na segunda parte do questionário, com 33 sentenças, havia em cada uma dessas um fenômeno variável colocado sob a dimensão avaliativa dos discentes. Para exemplificar o questionário, mostramos, na sequência, a frase de número 13.

Frase 13: Tinha alguma tarefa para mim fazer para o encontro de amanhã?

Boa ____ : ____ : ____ : ____ : ____ : ____ : ____ Ruim

Essa oração foi construída a partir da utilização de uma inadequação à tradição normativista, comumente apontada pelos comentários do *Facebook*: MIM + VERBO⁹. Conforme já dito anteriormente, todas as frases aqui elaboradas continham os fenômenos variáveis identificados como mais recorrentes no *post* utilizado como fonte de extração dos “erros mais irritantes”.

Uma escala de *Likert*, de 1 a 7, foi utilizada com gradação de diferenciais semânticos (OSGOOD, 1993); em cada polo da escala havia a oposição entre *Bom* vs. *Ruim*. Os alunos, antes de preencherem um xis (X) nas escalas, receberam a seguinte orientação:

Figura 7 – Orientações para o preenchimento da segunda parte do questionário

⁹ Informações sobre as inadequações à tradição normativista mais recorrentes serão apresentadas na seção de resultados gerais.

INSTRUÇÕES PARA O QUESTIONÁRIO – PARTE 2:

Cada item (de 1 a 33) apresenta uma frase, seguida das palavras contrárias *boa* e *ruim*. Existem, entre essas palavras, sete espaços. Você deve marcar um xis (X) no espaço que melhor corresponda àquilo que você pensa sobre a frase em questão. Vejamos, então, o que significa cada espaço:

Exemplo:
 Frase: **Tenho certeza que será um excelente ano!**
 Boa ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ Ruim

1) Se você achar a frase do exemplo **MUITO boa**, marque:
 Boa **X** : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ Ruim;

2) Se você achar a frase do exemplo **APENAS boa**, marque:
 Boa ___ : **X** : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ Ruim;

3) Se você achar a frase do exemplo **MAIS OU MENOS boa**, marque:
 Boa ___ : ___ : **X** : ___ : ___ : ___ : ___ Ruim;

4) Se você achar a frase do exemplo **NEM boa e NEM ruim**, marque:
 Boa ___ : ___ : ___ : **X** : ___ : ___ : ___ Ruim;

5) Se você achar a frase do exemplo **MAIS OU MENOS ruim**, marque:
 Boa ___ : ___ : ___ : ___ : **X** : ___ : ___ Ruim;

6) Se você achar a frase do exemplo **APENAS ruim**, marque:
 Boa ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : **X** : ___ Ruim;

7) Se você achar a frase do exemplo **MUITO ruim**, marque:
 Boa ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : ___ : **X** Ruim.

ATENÇÃO!
NÃO há resposta correta ou errada.

Fonte: própria

Na terceira e última parte do questionário, apresentamos aos alunos duas questões discursivas, com as quais os alunos tiveram contato antes mesmo de terem tido a primeira aula da disciplina de “Variação e Mudança Linguísticas”, prevista para o primeiro semestre do primeiro ano do curso. As questões foram estas: 1) O que você entende por variação linguística? e 2) O que você entende por preconceito linguístico?

Durante as três etapas desenvolvidas – categorização da natureza dos fenômenos variáveis “mais irritantes”, identificação dos perfis sociais dos internautas respondentes do *post* em questão e organização/interpretação das respostas dos alunos de Letras (sobretudo no que diz respeito à segunda parte do questionário) –, contamos com o auxílio do R (CORE TEAM, 2019).

Resultados preliminares

Nesta seção, por se tratar, como já dito, de um estudo que está em desenvolvimento, trazemos apenas alguns resultados gerais já alcançados. Para fins de organização, discutimos, nesta ordem, (i) os fenômenos variáveis mais estigmatizados na rede, (ii) os perfis sociais desses usuários participantes e (iii)

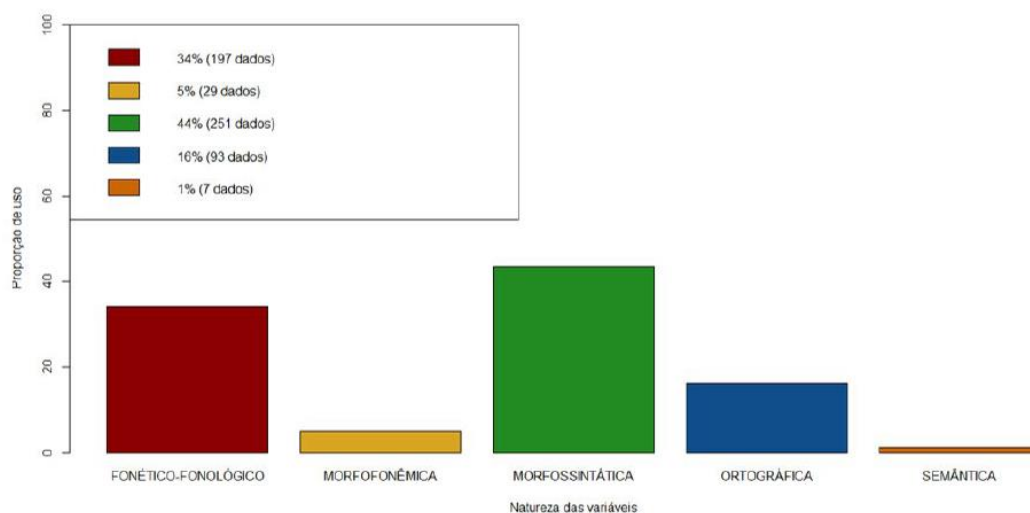
quais foram as avaliações e atitudes linguísticas dos discentes ingressantes de Letras em relação às mesmas variantes identificadas.

(i) Os fenômenos variáveis

No que se refere à natureza dos fenômenos mencionados pelos internautas, salientamos que essa categorização foi feita levando-se em conta que há um discurso que prevê que variáveis fonéticas possuem um valor social mais evidente quando comparadas às variáveis em níveis mais altos de análise (LAVANDERA, 1984; LABOV, 1973). Nesse caso, variáveis fonéticas apresentariam graus de estratificação social maior do que as de um nível “mais profundo” da estrutura linguística, tais como as variáveis sintáticas.

No entanto, partindo do princípio de que os significados sociais associados a variantes são “arbitrários”, uma vez que sua percepção não estaria associada ao fenômeno em si, mas a um lexema em específico e aos falantes que as empregam, a hipótese é a de que, independentemente do nível de análise, a percepção seria de outra ordem. É o que se vê pelo gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Categorização dos fenômenos¹⁰ mencionados nos comentários



Fonte: própria

De início, o gráfico nos mostra que os fenômenos de natureza morfossintática foram os que mais apareceram. No entanto, como os falantes não mencionavam os níveis, mas exemplos concretos desses, fizemos uma lista de palavras a fim de verificar quais lexemas mais apareceriam.

Figura 8 – Lexemas mais recorrentes nos comentários

¹⁰ Há uma subcategorização desses fenômenos que está em construção.

priorizar, neste texto, apenas algumas observações ligadas à geografia dos internautas que responderam à postagem. Com vistas a articular essa parte do trabalho com as identidades lexicais, apresentamos as regiões do Brasil de onde os internautas eram, a partir das menções do uso de (i) MIM + VERBO, (ii) MAIS em lugar de MAS e (iii) AGENTE em lugar de A GENTE (cf. respectivamente as figuras 9, 10 e 11).

Figura 9 – Preconceito linguístico no Brasil: MIM + VERBO



Figura 10 – Preconceito linguístico no Brasil: mais/mas



Figura 11 – Preconceito linguístico no Brasil: agente/a gente



Fonte: própria

As figuras acima revelam, em termos gerais, que os três fenômenos variáveis analisados foram mais citados como “irritantes” por pessoas oriundas da região Sudeste. Ainda que não possamos trazer qualquer conclusão acerca desse resultado, pois sabemos que há regiões no Brasil com menos acesso à internet que outras, o histórico de xenofobia e intolerância, embora possa aparecer de forma

generalizada no país, parece concentrar-se, em sua maioria, na região Sudeste¹². Logo, a língua, como instrumento de poder, apontaria, nesses gráficos, para a materialização metalinguística da xenofobia, algo que somente poderá ser concluído mais tarde. Registramos, no entanto, nossa hipótese.

No que se refere à figura 9, ressaltamos o preconceito generalizado relacionado ao uso de **MIM + VERBO**, dado que esse foi o desvio mais comentado por pessoas em diferentes lugares do Brasil. Uma observação interessante que pode ser vista pela imagem é a de que, na região Norte, há apenas uma localização para menção à construção de **mim + verbo** como “erro irritante”, mesmo que tenhamos outros informantes do Norte (N) e Nordeste (NE), conforme ilustram os mapas 10 e 11. Isso, em certa medida, parece ilustrar uma sensibilidade dessa região acerca da população indígena, dado que N e NE são mais propensas ao contato com essa população; é sabido que o comentário mais comum associado ao uso de “mim” em posição não chancelada pela norma sempre está relacionado a um estereótipo de “como falam os índios” – ver figura 5.

Tal constatação vai ao encontro da citação de Faraco (2005), a qual mostra que “a diferença de valoração das variedades se cria socialmente: algumas, por razões políticas, sociais e/ou culturais, adquirem uma marca de prestígio e outras não.” (FARACO, 2005, p. 33). Na mesma esteira, quando visualizamos o mapa da figura 10, notamos que há uma menção menos expressiva de **mais**, no lugar de **mas**, no Nordeste, em especial quando comparamos esse fenômeno com outros na mesma região – ver figuras 9 e 11. A menção ao uso de **agente** ao invés de **a gente** apresentou-se ausente por pessoas do Centro-Oeste, mas, como nos demais, bastante presente nas regiões Sudeste e Sul. Uma hipótese que se estabelece aqui é que, como apontou Faraco, marcas linguísticas diferentes vão receber significação social diferente a depender de características sociais e culturais das regiões. Um cruzamento entre estudos de produção e de percepção linguística acerca desses fenômenos aplicado em diferentes lugares do Brasil poderá nos trazer mais respostas.

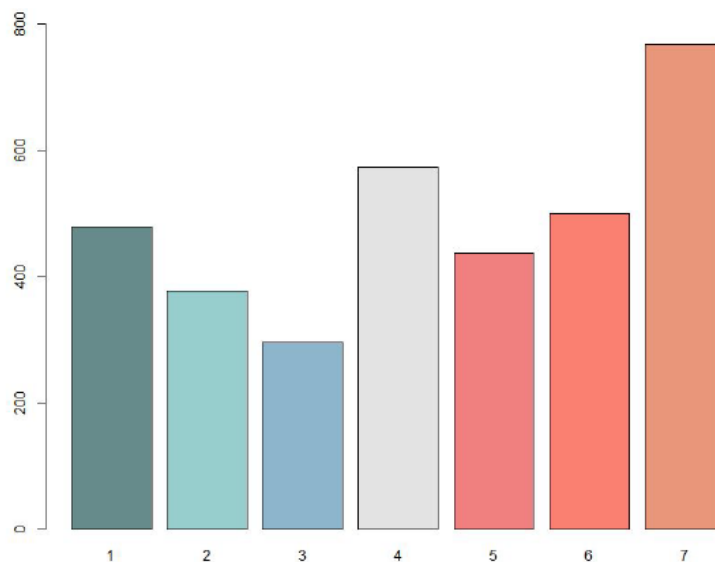
(iii) Avaliações subjetivas dos alunos de Letras

Em relação às avaliações dos fenômenos variáveis feitas pelos alunos do curso de Letras, nesta seção, apresentamos somente os resultados derivados da segunda parte do questionário aplicado, aquela que compreendia as 33 sentenças. O objetivo era mensurar as avaliações dos alunos acerca dos mesmos fenômenos variáveis extraídos da publicação do *Facebook*. Além disso, comparar se, tal como os resultados da rede social, os alunos manifestariam reações negativas e até preconceituosas a determinadas formas linguísticas.

¹² Conferir Dossiê Xenofobia. Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/xenofobia/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Reproduzimos, aqui, os resultados gerais dessas avaliações, os quais, diferentemente do que esperávamos ao escolher alunos de Letras como público-alvo de nossos testes, sinalizam que, em comparação à percepção vigente na rede social *Facebook*, essa também está presente nas respostas dos discentes (cf. gráfico 2).

Gráfico 2 – Distribuição geral das avaliações



Fonte: própria

O gráfico ilustra uma concentração das respostas no polo direito da escala. Isso implica dizer que, em números absolutos, a escala que varia de 1 a 7 concentrou as respostas no sétimo espaço que, conforme mostra a instrução de preenchimento (cf. figura 7), indica que os alunos avaliaram predominantemente as sentenças como **muito ruim**. Embora esse resultado não apresente as especificações de cada sentença colocada sob a dimensão avaliativa, genericamente já podemos observar que, frente às formas linguísticas mencionadas pelos internautas como “irritantes”, os respondentes do questionário confirmaram essa “irritação”.

Na sequência, dedicamo-nos à observação mais minuciosa das respostas relacionadas às sentenças que continham **MIM + VERBO**, **mim** no lugar do pronome átono **me**, **mais/mas** e **agente** em vez de **a gente** – escolhas que se justificam, como já mencionamos, devido a essas variantes serem as mais frequentemente mencionadas no *post* do *Facebook*.

No gráfico 3, vemos como esses discentes avaliaram as seguintes frases:

FRASE 13¹³:

Tinha alguma tarefa para **mim fazer** para o encontro de amanhã?

FRASE 16:

¹³ Os destaques aqui feitos nas frases, para ressaltar a variante em foco, não constavam no questionário aplicado aos alunos.

Agente pode se encontrar na casa dos meus pais.

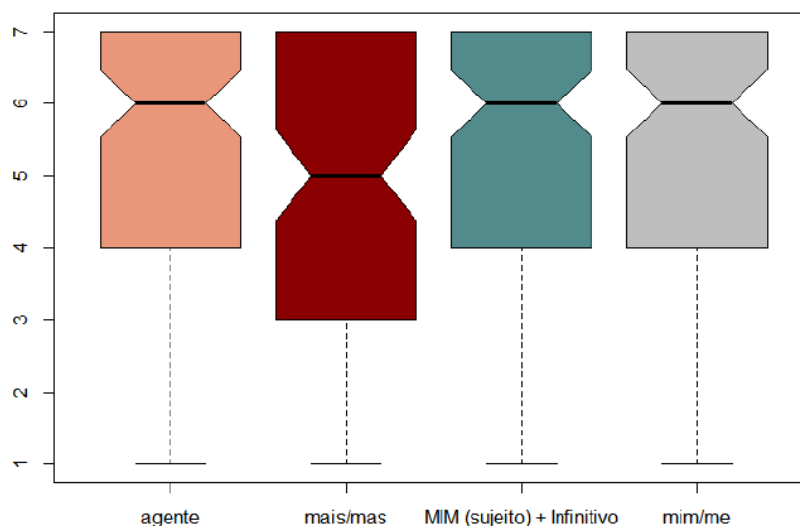
FRASE 19:

Esforcei-me bastante **mais** não obtive o resultado necessário.

FRASE 31

O secretário poderia **mim** entregar a pasta amarela?

Gráfico 3 – Distribuição das avaliações em relação a frases específicas



Fonte: própria

No *boxplot* acima, verificamos que as respostas, de acordo com os fenômenos específicos, agrupam-se mais nas escalas mais próximas à apreciação de **ruim**. Nesse sentido, chamamos atenção para a mesma avaliação feita às formas **agente**, **MIM + VERBO** (Infinitivo) e **mim** (no lugar de **me**), que aponta para a grande concentração de respostas correspondentes à escala **apenas ruim** nesses casos. Os alunos foram mais “flexíveis” quanto ao uso de **mais** (no lugar de **mas**), pois as respostas também abarcaram as escalas 3 e 4, entretanto, mesmo assim, a convergência de respostas está na escala 5 (**mais ou menos ruim**) – conforme mostra a mediana. De todo modo, enfatizamos a ausência, para esses fenômenos, de avaliações positivas.

Para concluirmos, assim como aludido nas palavras introdutórias deste artigo, reforçamos o papel da avaliação subjetiva no percurso da história de uma determinada língua e, conseqüentemente, no entendimento dessa língua. O falante, para Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), é ativo. Ao atribuir prestígio ou estigma a uma variante, conforme se identifique com ela ou a rejeite, é ele também o responsável por agilizar ou deter qualquer mudança em sua língua.

Considerações Finais

Com a discussão que aqui propusemos, reforçamos que, apesar de já terem se passado mais de vinte anos de debates sobre preconceito linguístico, serão necessários mais vinte (e outros vinte...), dado que esse preconceito camufla outros preconceitos. Nesse sentido, ainda há muito a se fazer, no interior do projeto e fora dele.

Nossas contribuições vão ao encontro de entendimentos acerca de fenômenos variáveis estigmatizados no PB e, conseqüentemente, de questões que envolvem aquilo que constitui o preconceito linguístico no Brasil. A luta por uma democracia linguística, tal como bem salientou (e o fez e faz) Marta Scherre em *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*, é também uma luta nossa. Por fim, nas palavras da autora, presentes na orelha desse mesmo livro, publicado em 2005, “é preciso dar vez e voz a todas as falas, incluindo-se entre elas as falas que não têm prestígio, erroneamente denominadas de erradas”... Ou, aqui, de “irritantes”.

Referências

- ARAGÃO, M. S. S. **Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza**. VI CONGRESSO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA. Resumos. Niterói: UFF, 2000.
- ARAÚJO, M. F. R. de. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ɨy] no dialeto de Caxias (MA). **Revista Letras PUC-Campinas** 19 (1/2) 121-137, dez. 2000.
- BISOL, Leda. **O ditongo em português**. Boletim da ABRALIN, n. 11, p. 51-58, jun.1991.
- _____. **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 31 out. 2018.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. PCN + Ensino Médio. Orientações curriculares complementares aos parâmetros curriculares. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.
- _____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COX, M. I. P.; ASSAD, C. F. O ele e o erre só trazem 'compricação'- um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 8, n.13, p. 143-156, 1999.
- FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.
- GADAMER, H. **Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- GIBBON, A.O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. 2000, 126 p.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- _____. Where do grammars stop? In: SHUY, R.W. **Sociolinguistics, Current Trends and Perspectives**. Washington, DC: Georgetown University Press, 1973. p.43-48.

LAVANDERA, B. R. **Variación y significado**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1984.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LÉVY, P. 1999. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NICOLACI DA COSTA, Ana Maria; PIMENTEL, Mariano. **Sistemas colaborativos para uma nova sociedade um novo ser humano**. In.: PIMENTEL, M.; FUKS, H. *Sistemas colaborativos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 3-15

OSGOOD, Charles Egerton. **Cross-cultural comparability in attitude measurement via multilingual semantic differentials**. *Current studies in social psychology*, Holt, Rinehart, and Winston New York, p. 95-107, 1965.

POPLACK, S.; CACOULLOS, R.T.; DION, N.; BERLINCK, R. A.; DIGESTO, S.; LACASSE, D.; STEUCK, J. Variation and grammaticalization in Romance: a cross-linguistic study of the subjunctive In: AYRES-BENNETT, W.; CARRUTHERS, J. **Manual of Romance Sociolinguistics**.1 ed. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018, p. 217-252.

ROMANO, Valter Pereira; FONSECA, Cecília Godoi. Uma abordagem sociodialeológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG, **Webrevista sociodialeto**, vol. 6. nº 16. p. 395 – 401, 2015.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

LINGUISTIC PREJUDICE INSIDE AND OUTSIDE THE NETWORK: the project, the construction of the corpora and the preliminary results

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Thematic issue

Volume 5

Number 2

Received in: 16/03/2020

Approved in: 04/06/2020

Abstract:

Linguistic prejudice, which leads us to discriminate against the other, pejoratively appreciating the linguistic forms that the other makes use of, still remains rooted in our society, because, as we well know, issues that deal with language are not only linguistic, but also , and essentially, ideological. The aim of this paper is to present a research project, in progress, which is supported by the theory of Linguistic Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). We observe evaluations of Internet users and students undergraduate course in Letters about the language so that we can discuss the faces of linguistic prejudice present in the social network Facebook, as well as outside that network. For this, we put this project theoretically and methodologically in context, explaining basic information about it and presenting preliminary results already obtained. Therefore, there is a threefold approach: (i) categorization of phenomena; (ii) social profile of Internet users and (iii) subjective analysis of Internet users and students of Literature. We conclude that prejudice is arbitrary from a linguistic point of view, lexically marked and socially motivated

Keyword:

Linguistic Prejudice. Facebook. Phenomena. Social Profile. Subjective analysis of undergraduate course in Letters. Research Project.